

O SOFRIMENTO EMOCIONAL EM ADOLESCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

EL SUFRIMIENTO EMOCIONAL EN ADOLESCENTES EN TIEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

EMOTIONAL SUFFERING IN TEENAGERS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Luciene Regina Paulino TOGNETTA¹
David Jorge CUADRA-MARTÍNEZ²
Raul Alves de SOUZA³
Mário FIORANELLI NETO⁴

RESUMO: A pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19) representou um desafio à saúde física e emocional para adolescentes submetidos a quase dois anos de isolamento social, restritos ao convívio familiar e impedidos de estarem na escola. O presente artigo apresenta dados da pandemia associados ao sofrimento emocional entre adolescentes e o impacto da convivência escolar restrita neste período. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter descritivo, cujo objetivo foi identificar a frequência de situações em que há indícios de sofrimento emocional em adolescentes e comparar os escores encontrados entre questões demográficas de perfil (raça, gênero e celular). Participaram da amostra 1.991 adolescentes, estudantes de duas diretorias da rede de ensino público estadual paulista. O instrumento de investigação foi construído a partir de ampla revisão de literatura em forma de questionário com perguntas fechadas, dividido em duas partes: a primeira, contendo 13 perguntas sobre o perfil do estudante e, a segunda, com 21 questões, sobre indícios de sofrimento emocional. A partir da análise quantitativa, os resultados encontrados destacam maior escore de sofrimento emocional entre meninas adolescentes e estudantes pretos e apontam para a urgência de ações que proporcionem o bem-estar e a aprendizagem de formas assertivas de resolução de conflito, bem como a urgência de espaços de manifestação de sentimentos pelos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento emocional. Adolescentes. Convivência escolar.

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara-SP – Brasil. Professora do Departamento de Psicologia da Educação (FCLAr/UNESP). Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0929-4925>. E-mail: luciene.tognetta@unesp.br

² Universidad de Atacama (UDA), Copiapó – Chile. Professor do Departamento de Psicologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0810-2795>. E-mail: david.cuadra@uda.cl

³ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara-SP – Brasil. Doutorando em Educação Escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9652-5228>. E-mail - raul.alves@unesp.br

⁴ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara-SP – Brasil. Mestrando em Educação Escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2672-1688>. E-mail: mariof@pioneiro.g12.br

RESUMEN: La pandemia provocada por el coronavirus (Covid-19) representó un desafío a la salud física y emocional de los adolescentes sometidos a casi dos años de aislamiento social, restringidos a la vida familiar e impedidos de estar en la escuela. Este artículo presenta datos sobre la pandemia asociada al sufrimiento emocional entre los adolescentes y el impacto de la vida escolar restringida en este período. Se trata de una investigación descriptiva exploratoria, cuyo objetivo fue identificar la frecuencia de situaciones en las que existen indicios de sufrimiento emocional en adolescentes y comparar las puntuaciones encontradas entre cuestiones de perfil demográfico (raza, género y célula). La muestra estuvo constituida por 1.991 adolescentes, estudiantes de dos juntas directivas de la red estatal de educación pública de São Paulo. El instrumento de investigación se construyó a partir de una revisión bibliográfica exhaustiva en forma de cuestionario con preguntas cerradas, divididas en dos partes: la primera, que contiene 13 preguntas sobre el perfil del estudiante y la segunda, con 21 preguntas, sobre signos de angustia emocional. Con base en el análisis cuantitativo, los resultados encontrados resaltan un mayor puntaje de angustia emocional entre las adolescentes y estudiantes negras y apuntan a la urgencia de acciones que proporcionen el bienestar y el aprendizaje de formas asertivas de resolución de conflictos, así como la urgencia de espacios para la manifestación de sentimientos por parte de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Sufrimiento emocional. Adolescentes. Convivencia escolar.

ABSTRACT: The coronavirus (Covid-19) pandemic represented a challenge to physical and emotional health for adolescents subjected to almost two years of social isolation, restricted to family life and prevented from being in school. This article presents data from the pandemic associated with emotional distress among adolescents and the impact of restricted school life in this period. This is an exploratory, descriptive research, whose objective was to identify the frequency of situations in which there are signs of emotional distress in adolescents and to compare the scores found between demographic profile issues (race, gender and smartphone use). A total of 1,991 adolescents participated in the sample, students from two directorates of the São Paulo state public education network. The investigation instrument was built from a broad literature review in the form of a questionnaire with closed questions, divided into two parts: the first, containing 13 questions about the student's profile and, the second, with 21 questions, about signs of emotional suffering. From the quantitative analysis, the results found highlight a higher score of emotional distress among adolescent girls and black students and point to the urgency of actions that provide welfare and the learning of assertive forms of conflict resolution, as well as the urgency of spaces for expression of feelings by students.

KEYWORDS: Emotional suffering. Teenagers. School coexistence.

Introdução

A investigação aqui apresentada trata de um conceito entendido por nós como “sofrimento emocional” em contextos escolares, mas que por muitos tem sido traduzido como “saúde mental”. Há uma preocupação de nossa parte em utilizar a expressão “saúde mental” quando pensamos na tarefa da escola, já que todas as orientações oficiais relacionadas à saúde

mental remetem à área da saúde e não à educação. Tal preocupação tem sido alvo de discussões na psicologia sobre a atribuição, inclusive, das funções do psicólogo escolar quando atua nesse espaço. Certamente, ninguém negligenciaria a importância de sua atuação, como é salientado na Lei Federal 13935 de 11/12/2019 (BRASIL, 2019). Segundo a Lei, esses profissionais têm atribuições específicas, definidas e relacionadas à aprendizagem, à inclusão e aos problemas de convivência, articulando-se com as instituições da rede de proteção: saúde, assistência social, direitos humanos e justiça. Não cabe ao psicólogo escolar o atendimento clínico, mas o encaminhamento dos casos necessários às instituições de saúde no entorno da escola (FODRA, 2021).

Somada a essa questão, há outra grande preocupação emergida da ideia de que a “saúde mental” deva ser “tratada” na escola: infelizmente, os diagnósticos e as patologias tão presentes entre os discursos de profissionais de ensino, demonstram como a educação tem se apoderado de um repertório médico que classifica os estudantes nos quadros de distúrbios mentais, apontando um perigo para a disseminação da cultura da patologização e da medicalização da vida, e favorecendo o mercado dos diagnósticos e psicofármacos (SANTANA; GONÇALVES, 2019, p. 843).

Diante de tais fatos, por um lado, não se pode dizer que o tratamento à saúde mental é uma tarefa escolar. A escola não é um espaço clínico de atuação de profissionais da saúde que tratam, medicam e acompanham a evolução do que, na falta da saúde, se tem como doença. À escola cabe criar espaços dialógicos para que tanto os estudantes, quanto os educadores possam expressar seus sentimentos e elaborar seus conflitos, tanto os interpessoais quanto os intrapessoais, pois a aprendizagem escolar não está restrita aos conceitos científicos, mas também à convivência social. A escola é um lugar onde convivem seres humanos que estão, permanentemente, em processo de desenvolvimento; portanto cuidar das pessoas e apoiá-las nos seus problemas pessoais e em situações de sofrimento emocional é papel dos educadores.

Existem inúmeras pesquisas que tratam da convivência escolar e que apresentam atividades pedagógicas validadas por pesquisadores que contribuem para a redução dos preconceitos, das situações de exclusão e dos conflitos presentes no cotidiano escolar (CARRASCO; LÓPEZ, 2019; CARRASCO; LOPES; ESTAY, 2012; TOGNETTA *et al.*, 2020; TOGNETTA; VINHA, 2019). Souza (2007) questiona as práticas escolares e afirma que os espaços escolares e a atuação pedagógica são importantes na formação psíquica e na promoção de relações interpessoais mais sadias, contudo, quando os educadores se depararem com problemas que não podem ser resolvidos por meio das atividades pedagógicas (violência

doméstica, abuso sexual ou algum tipo de deficiência), as demais instituições da rede protetiva devem ser acionadas.

O fato é que, ao menos no Brasil, o que temos presenciado nas últimas décadas é a criação de políticas públicas neoliberais lideradas por institutos ligados ao capital, que têm fomentado a patologização da educação, transformando as queixas escolares (problemas de aprendizagem ou comportamento) em patologias e diagnósticos que estigmatizam as crianças e adolescentes. Há um mercado de diagnósticos e medicalização dos problemas de convivência e a escola não pode participar deste movimento.

Os programas e projetos criados recentemente pelos sistemas educacionais públicos, em parceria com os institutos capitalistas, têm impingido à educação as questões de saúde mental e desviando o seu papel no processo de humanização dos indivíduos.

Assim, a escolha do termo “sofrimento emocional” não é aleatória visto que expressa uma tarefa *sui generis* da escola que é o trabalho com as emoções e sentimentos de seus alunos e alunas. Infelizmente, em grande parte das vezes, esses sofrimentos não são facilmente reconhecidos na escola podendo aparecer sob outras formas às quais se atribui equivocadamente, uma desqualificação das crianças como “não querem”, “sem vontade”, “preguiçosas”, “desatentas” (CALDERARO; CARVALHO, 2005).

Em uma palavra: não se discute, ainda que se tomem diferentes nomenclaturas, que os problemas dessa ordem manifestados por crianças e adolescentes apontam a necessidade de constituição de políticas públicas que abarquem seu direito à saúde.

Quando pensamos na realidade que fomos acometidos em virtude da pandemia da COVID-19, no mês de março de 2020, certamente, os riscos de aumento de sofrimentos dessa ordem seria algo demasiadamente desafiador. Fomos impostos a uma nova realidade: cerceamento do convívio social e adequação das estratégias de trabalho. Aprendemos a conviver com sentimentos de medo, insegurança e instabilidade devido a não saber o que estava por vir. Quando falamos do ambiente escolar, alunas, alunos e professores foram inseridos num contexto nunca ou pouco vivido, com metodologias, para alunos e professores, bastante diferentes do que estavam acostumados em sua realidade de escolas públicas neste país.

Esses adolescentes se tornaram vulneráveis, visto a incapacidade ou dificuldade de lidar com o estresse e o enfrentamento às novas situações, bem como em expressar seus sentimentos (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020). Em todo o mundo, foram expostas ao sofrimento quando viveram o isolamento social, os impactos econômicos e sociais em suas famílias, as perdas de

familiares, a preocupação em se infectar ou infectar os outros, o distanciamento (LAHR; TOGNETTA, 2021).

Por sua vez, o fechamento das escolas, além dos impactos na aprendizagem de crianças e adolescentes, também representou, para muitos, a perda de quem seria seu socorro, visto o aumento da vulnerabilidade a situações de violência doméstica, negligência parental, exploração e abuso sexual cujos números nos mostram uma triste realidade (GHOSH *et al.*, 2020; LAHR; TOGNETTA, 2021).

Obrigados a permanecer isolados e em casa por conta da pandemia da COVID-19, crianças, adolescentes e jovens foram afastados do seu principal local de convivência dessa geração: a escola. Dentre todos os efeitos das aulas e atividades remotas oferecidas pelas unidades escolares ou mesmo não oferecidas, ser privado de conviver com seus pares teve grande impacto na vida e no desenvolvimento das alunas e dos alunos.

Em um estudo transversal com 3613 estudantes de sete a 18 anos, Duan *et al.* (2020) encontraram a prevalência de sintomas depressivos em 23,87% de crianças e 29,27% de adolescentes entrevistados.

Certamente, a preocupação com o retorno às aulas não é aleatória quando pensamos nos problemas de sofrimento emocional gerados durante a pandemia. Diante desse contexto e reconhecendo a necessidade de que a escola identifique quais os problemas vivenciados pelos seus jovens, a pesquisa intitulada “O diagnóstico da convivência durante a pandemia na percepção de adolescentes de escolas públicas paulistas: caminhos e desafios para além dos muros da escola” buscou mapear como os estudantes do Ensino Fundamental (Anos Finais) de Escolas Estaduais do Estado de São Paulo relatam se sentir no contexto pandêmico.

Objetivo

Para isso, nosso objetivo foi o de identificar a frequência de situações em que há indícios de sofrimento emocional em adolescentes e comparar os escores encontrados entre questões demográficas de perfil (raça, gênero e possuir celular).

Metodologia

Esta pesquisa contou com a participação de 1.991 adolescentes, estudantes das duas diretorias da rede de ensino público estadual paulista.

Para tanto, utilizamos de um questionário com perguntas fechadas, que foi dividido em duas partes: na primeira, contendo 13 perguntas, buscamos identificar o perfil do estudante e, na segunda, com 21 questões, detectar possíveis indícios de sofrimento emocional.

O questionário foi construído por membros do GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral a partir da literatura atual. As alunas e os alunos responderam de maneira on-line, através da plataforma “Google Forms”. Foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os pais, mães e/ou responsáveis e, após o retorno do termo assinado, o estudante foi liberado para o preenchimento.

Essa pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara/SP sob o número de registro CAAE: 46222921.2.0000.5400. Vale lembrar que, como veremos logo à frente, o instrumento também continha itens relativos aos problemas de cyberconvivência entre os adolescentes e, portanto, os dados de perfil apresentados em outras investigações deste dossiê serão os mesmos aqui apresentados.

Na pesquisa foram trabalhados itens relacionados às características pessoais acessibilidade à internet, como: “como você se considera?” e “você tem celular próprio?”. Essas questões permitiram organizar e agrupar as respostas segundo sua etnia e também identificar como os estudantes acessam as redes sociais. Além desses itens, foram perguntadas questões sobre sofrimento emocional: “tenho chorado com facilidade nas mais diversas situações” e “tenho me cortado ou machucado para aliviar pensamentos e sentimentos que me perturbam”, por exemplo. Na parte abaixo dos resultados e discussões está descrito como foi organizada a composição do escore.

Entre os participantes do estudo, 54,2% eram mulheres, 40,9% do sexo masculino e 4,9% relataram não saber ou preferiram não responder a pergunta sobre gênero. A maior parte deles, 41,8%, relatou ser da cor branca, seguido por 39,9% pardos, 11,2% negros, 0,6% de origem oriental (amarelos) e a mesma porcentagem de indígenas; 5,9% deles não souberam responder sobre sua raça.

Passemos a apresentar os resultados encontrados sobre as questões de sofrimento emocional em adolescentes.

Resultados e discussões

Quando pensamos na urgência que sugerem os resultados encontrados, nosso instrumento poderia aventar um indicador para qualificar a dor vivida por crianças e adolescentes quanto às questões de sofrimento emocional? Sim, é a resposta que passamos a apresentar. Por exemplo, um dado que nos chamou a atenção, nesse instrumento, foi de que 62,9% dos estudantes relataram se sentir, em algum grau, solitários. Desse número, 28% indicaram que se sentem assim “sempre” ou “muitas vezes”. A automutilação foi apontada como estratégia para alívio de sentimentos e pensamentos perturbadores por 14,5% dos respondentes (sempre, muitas vezes e poucas vezes). Ainda mais elevado é o número de adolescentes que sinalizam ter tido, pelo menos algumas vezes, pensamentos suicidas, representando 21,1% das alunas e dos alunos participantes da pesquisa.

Nesta pesquisa descritiva foram apresentados 21 itens para que os adolescentes respondessem sobre situações de sofrimento emocional com quatro pontos de resposta: nunca, poucas vezes, muitas vezes e sempre. Para análise dos dados foi feito um escore total somando as respostas aos itens, de acordo com a seguinte pontuação: nunca equivale a um ponto, poucas vezes equivale a dois pontos, muitas vezes equivale a três pontos e sempre equivale a quatro pontos. Assim, o escore atingido nas respostas de cada sujeito poderá ir de 21 a 84 pontos de forma que quanto maior a pontuação, maior o sofrimento emocional.

Como se apresentarão, segundo esse exame, os sujeitos de nossa apresentação: com nenhum, com pouco, moderado ou grande sofrimento emocional? E mais: haverá diferenças significativas quanto a esses índices de sofrimento emocional entre meninas e meninos? E quanto a variável raça/etnia autopercebida pelos estudantes: haverá diferenças? Ter ou não um aparelho celular próprio pode ser uma variável que interfira nesses resultados? São perguntas que nos dispusemos a pensar e o que passamos a apresentar com o auxílio da tabela a seguir.

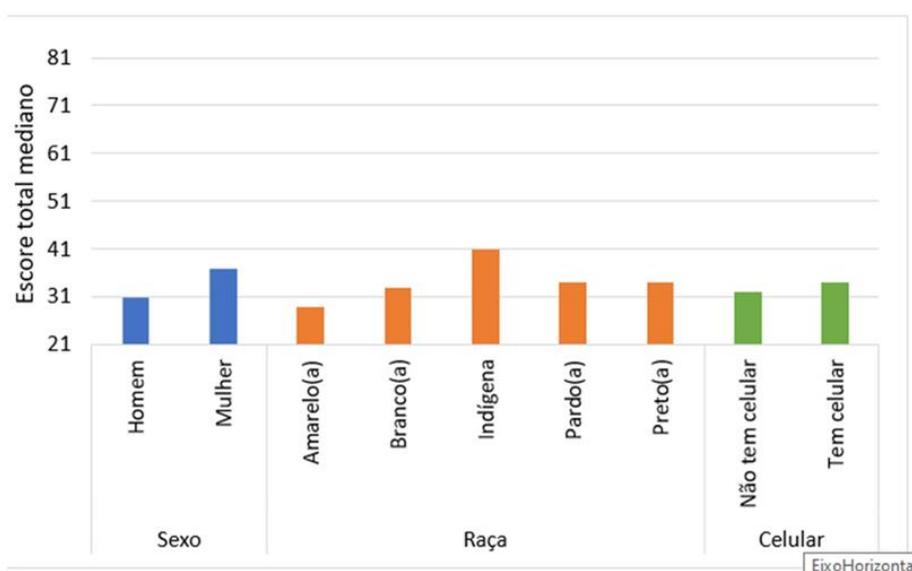
Tabela 1 – Análises do sofrimento emocional em adolescentes

Variável	Análises					
	N	Média	Desvio-padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
1) Sou						
Homem	815	33,8	8,49	31	21	71
Mulher	1079	39,76	12,01	37	21	82
2) Como você se considera?						
Amarelo(a) (de origem oriental)	11	31,91	8,15	29	23	50
Branco(a)	800	36,82	10,92	33	22	73
Indígena	12	41,42	14,05	41	27	68
Pardo(a)	766	37,4	10,74	34	21	78
Preto(a)	218	38,36	12,39	34	23	82
6) Você tem um celular próprio?						
Não	206	36,19	11,2	32	24	82
Sim	1717	37,46	11,17	34	21	78

Fonte: GEPEM

Para melhor visualização, apresentamos o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Resultados de sofrimento emocional de acordo com a autodeclaração de gênero, origem étnico-racial, e se possui ou não celular



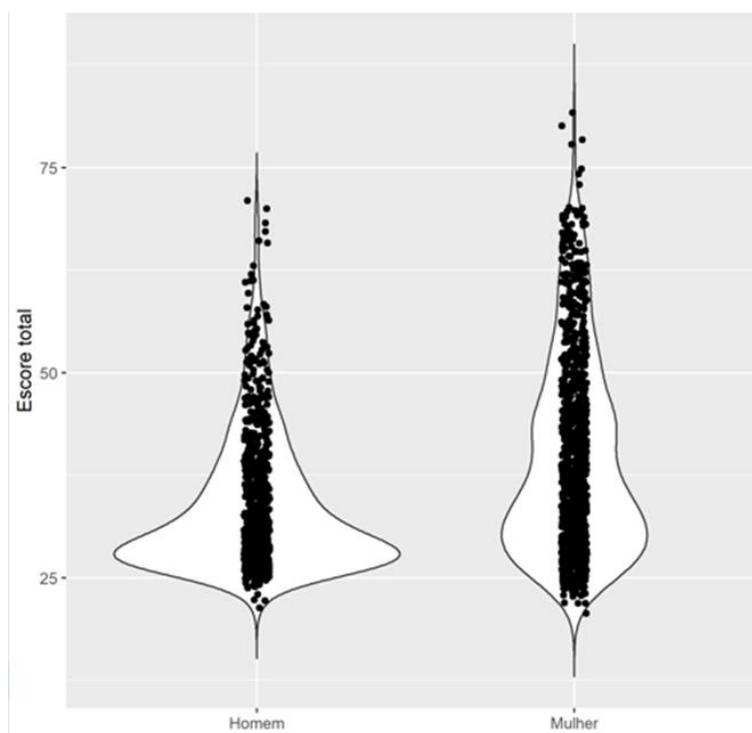
Fonte: GEPEM

Quando examinamos os resultados encontrados, vemos que se considerarmos o escore de sofrimento emocional variando de 21 a 84 pontos como destacado anteriormente, temos a média atingida pelos participantes homens como sendo de 33,8 e entre as mulheres, 39,76. É possível observar, tanto no gráfico como na tabela, que as mulheres chegam a escores mais altos atingindo 82 pontos enquanto os homens atingem 71. Mas, podemos nos perguntar: essa

diferença será significativa estatisticamente falando? A resposta é afirmativa ($p < 0,005$) e aponta para escores de sofrimento emocional mais elevado entre as mulheres.

O gráfico a seguir pode contribuir para melhor visualização de tais diferenças ao se observar o desenho que se forma ao redor da dispersão dos dados: os escores das mulheres são mais distribuídos e atingem valores maiores se comparados aos homens.

Gráfico 2 – Dispersão dos dados de sofrimento emocional por gênero



Fonte: GEPEM

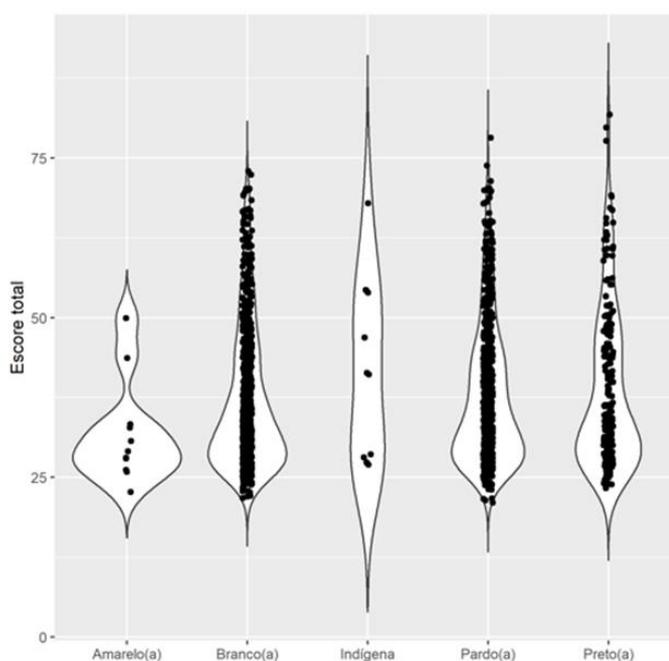
Quando buscamos compreender as diferenças de sofrimentos emocionais possíveis entre os respondentes sobre a raça autopercebida por eles, vemos que aqueles que se consideram amarelos de origem oriental têm uma menor média de sofrimento emocional (31,91 pontos), seguidos daqueles que se consideram brancos (36,82 pontos). Pretos, pardos e indígenas apresentam médias de maior sofrimento emocional. Contudo, vejamos se as diferenças entre eles são estatisticamente significativas. Com o auxílio da tabela a seguir, podemos visualizar tais apontamentos.

Tabela 2 – Análises do sofrimento emocional em adolescentes

Comparação	Diferença estimada	Intervalo de confiança (95%)		Valor-p
Sexo (Homem vs Mulher)	-6,00	-7,33	-4,68	<0,01
Raça (Amarelo vs Branco)	-3,00	-10,12	4,12	0,41
Raça (Amarelo vs Indígena)	-14,00	-29,40	1,40	0,07
Raça (Amarelo vs Pardo)	-4,00	-10,99	2,99	0,26
Raça (Amarelo vs Preto)	-5,85	-13,22	1,53	0,12
Raça (Branco vs Indígena)	-11,00	-23,79	1,79	0,09
Raça (Branco vs Pardo)	-1,00	-2,32	0,32	0,14
Raça (Branco vs Preto)	-2,85	-5,06	-0,63	0,01
Raça (Indígena vs Pardo)	10,00	-2,85	22,85	0,13
Raça (Indígena vs Preto)	8,15	-4,84	21,14	0,22
Raça (Pardo vs Preto)	-1,85	-4,18	0,49	0,12
Celular próprio (Não vs Sim)	-1,00	-2,84	0,84	0,29

Fonte: GEPEM

Na comparação das raças, considerando o nível de significância em $p < 0,05$, quando comparados brancos e pretos, nossos dados confirmam que há diferenças significativas ($p < 0,01$), o que significa que aqueles que se declaram pretos apresentam escores de sofrimento emocional significativamente superior quando comparados aos alunos autodeclarados brancos. O gráfico a seguir contribui com a visualização dos dados quando comparadas as dispersões dos escores de brancos e pretos.

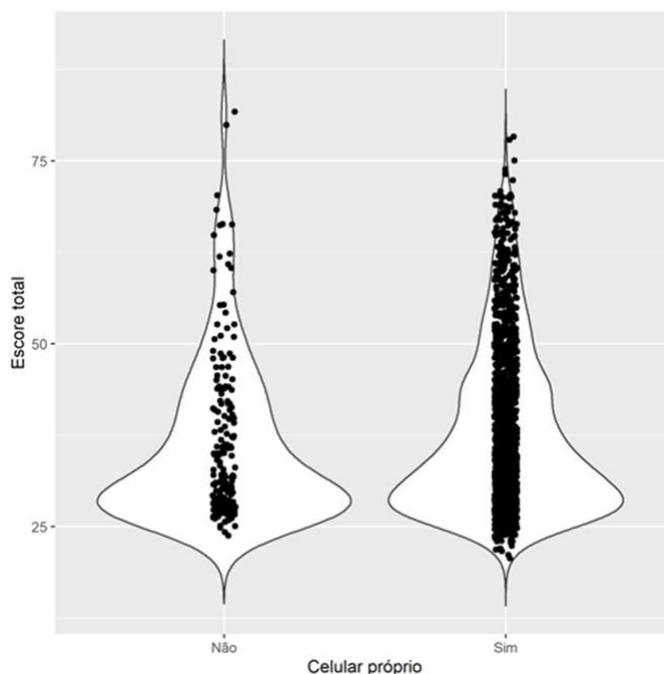
Gráfico 3 – Dispersão dos dados de sofrimento emocional por declaração da origem étnico-racial

Fonte: GEPEM

Note-se a distribuição dos pontos entre brancos e pretos, cuja análise provou ser diferente (os que se autodeclaram pretos apresentam pontos acima de 75 em suas médias de sofrimento emocional).

Ao observarmos novamente a tabela anterior, podemos encontrar também resposta a nossa pergunta: ter ou não celular é uma variável importante para pensarmos os problemas de sofrimento emocional, principalmente em tempos em que este aparelho tem sido tão utilizado por estudantes? Observemos que não há, para essa relação, diferenças significativas. No gráfico 4 a seguir é possível observar que o formato da figura que representa a dispersão dos escores é semelhante.

Gráfico 4 – Dispersão dos dados de sofrimento emocional de acordo com a declaração se possui ou não celular próprio



Fonte: Elaborado pelos autores

Para as comparações foi proposto um modelo de regressão quantílica (KOENKER, 2005), uma vez que ele permite a comparação de K medianas entre os diferentes grupos de interesse sem que haja pressuposto de normalidade. Para todas as análises adotou-se um nível de significância de 5%. Todas as análises foram realizadas através do software SAS 9.4.

Discussão e algumas considerações

Essa pesquisa, assim como na literatura mundial, demonstra um preocupante aumento nos índices de sofrimento emocional potencializado pela pandemia da COVID-19 (LAHR; TOGNETTA, 2021).

Embora não se possa dizer que o tratamento em saúde mental seja tarefa da escola (FODRA, 2021), criar espaços de interação para que sua comunidade educativa possa expressar sentimentos, emoções, experiências e conflitos intrapessoais e interpessoais é.

Nesta investigação pudemos identificar que adolescentes do sexo feminino e aqueles que se autodeclararam negros apresentam maiores índices de sofrimento emocional em comparação com homens brancos.

Em 2020, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registradas 105.821 denúncias de violência contra a mulher nas plataformas do Ligue 180 e do Disque 100. O número de casos de feminicídio também apresentou aumento em diversos estados do Brasil, quando comparado com o mesmo período do ano de 2019. Também aumentaram os registros de violência psicológica e diminuiu a sensação de proteção principalmente em tempos de pandemia da COVID-19, aumento esse que, certamente, está relacionado a esses escores encontrados em nossa investigação. Some-se a isso o fato de que as meninas são muito mais afetadas por problemas nas relações entre seus pares e acabam também sendo mais vulneráveis a modelos estereotipados trazidos por vídeos e influenciadoras no youtube, como mostraram pesquisas mesmo anteriores à pandemia conduzidas pela Safernet (2020).

Resultados semelhantes são observados no estudo de Esposito *et al.* (2021) que, em uma amostra de mais de 2.000 adolescentes italianos, foram encontradas diferenças significativas nos níveis de tristeza vivenciados durante a pandemia, de acordo com o gênero, sendo maior nas mulheres. O principal motivo de tristeza nos adolescentes foi a falta da escola. Além disso, neste mesmo estudo foi demonstrado que ser do sexo masculino é um fator de proteção contra emoções negativas. Esses antecedentes alertam para a relevância de se considerar a variável gênero no planejamento da educação emergencial em contexto pandêmico, especialmente a convivência escolar e o apoio socioemocional.

Isso posto, confirmando também nossos achados, o impacto que temos visto nas relações sociais em um momento em que mecanismos preconceituosos são ativados, depondo conquistas já historicamente construídas pela humanidade: jovens negros morrem a todo instante no Brasil e no mundo, como aponta o Cerqueira (2021). A taxa de homicídios por 100

mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a da soma dos amarelos, brancos e indígenas foi de 11,2. Da mesma forma que comentários machistas integram o imaginário brasileiro denegrindo a imagem da mulher na sociedade atual, regredimos anos em nossas conquistas e, não seria, então, espantoso que nossos dados denunciasses tais situações de abandono e angústia vividos por meninos e meninas negras ou por meninas de qualquer raça.

O problema do racismo e da maior vulnerabilidade dos grupos sociais étnicos continua sendo um desafio global, e a psicologia tem mostrado que esses preconceitos podem ser agravados em situações de crise social. Na revisão sistemática de Cuadra *et al.* (2020), sobre o impacto psicológico das pandemias no século XXI, verificou-se que as minorias étnicas são um grupo especialmente vulnerável aos efeitos de uma pandemia, pois têm menos acesso à saúde devido à discriminação e ao racismo.

Em relação ao uso de telefones celulares, o estudo de Jiang *et al.* (2022) descobriu que os estudantes universitários chineses aumentaram consideravelmente o seu uso e que esse aumento estava negativamente relacionado com a satisfação pela vida. Outros trabalhos se aprofundaram nesse aspecto, apontando que o maior uso de celulares para jogos na internet também está associado a maior angústia em adolescentes (WANG *et al.*, 2019).

Neste estudo vimos também que ter celular próprio não demonstrou ser um fator significativo para esses índices de sofrimento emocional evidenciando, assim, que este problema não está somente relacionado ao mundo virtual e suas consequências e, sim, também ao fato de que as próprias relações fora da internet têm sido influenciadas pelo momento difícil pelo qual passamos. De qualquer forma, pesquisas futuras poderiam elucidar como o uso do celular se relaciona ao bem-estar ou desconforto emocional dos adolescentes.

O fato é que no campo final dessa pesquisa, quando havia um espaço para deixar uma mensagem, conseguimos perceber também o quanto é urgente e necessário se pensar sobre essas questões. Escreveram eles:

“Só agradeço a escola por estar proporcionando esses questionário, pois muitas pessoas (alunos) não conseguem dizer como sentem ou pelo que estão passando dentro de suas casas, a maioria tem receio de contar por achar que vão dizer nossas respostas aos nossos pais (temos medo que eles interpretem errado), não tenho muito o que dizer sobre mim por que mesmo tendo algumas recaídas eu estou bem, mas às vezes outras pessoas não, seria meio só um agradecimento e uma explicação de como às vezes nos sentimos, mas temos medo de dizer em público”.

Outro aluno destacou a importância desse questionário para a vida deles:

“Por favor, se preocupem mais com a saúde mental dos alunos, não somos máquinas e muita cobrança nos esgota. Eu agradeço o formulário!”

Resta-nos a certeza, anunciada na escuta dos adolescentes, da urgência de ações efetivas na escola que permitam que os alunos e alunas sejam acolhidos, tenham seus sentimentos reconhecidos e possam expressar o que sentem. Certamente, essas ações serão muito melhor empenhadas por aqueles que mais sabem a dor vivida pelos adolescentes e pelas adolescentes: seus próprios pares. Mais uma vez, apostar na juventude para intervir, acolher e ajudar aos que mais precisam, é caminho eficaz para quem quer fazer da escola um espaço consolidado de formação humana.

AGRADECIMENTOS: À Fundação Carlos Chagas (FCC) e Fundação Itaú Social (FIS) pelo apoio financeiro e institucional essenciais à realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019.** Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CALDERARO, R. S. S.; CARVALHO, C. V. Depressão na infância: Um estudo exploratório. **Psicologia em estudo**, v. 10, p. 181-189, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/JLzrCdvLvXmStGxKhrnBdvn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021.
- CARRASCO, C.; LOPEZ, V.; ESTAY, C. Análisis crítico de la Ley de Violencia Escolar de Chile. **Psicoperspectivas**, v. 11, n. 2, p. 31-55, 2012. Disponível em: <http://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/228>. Acesso em: 03 maio 2021.
- CARRASCO, C.; LOPEZ, V. **Asesorando en convivencia escolar.** Valparaíso: La Pataleta Súper Editorial. 2019.
- CUADRA, D. *et al.* COVID-19 y comportamiento psicológico: revisión sistemática de los efectos psicológicos de las pandemias del siglo XXI. **Revista Médica de Chile**, v. 148, n. 8, p. 1139-1154, 2020. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-98872020000801139&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 20 mar. 2021.
- DUAN, L. *et al.* An investigation of mental health status of children and adolescents in China during the outbreak of COVID-19. **Affect Disord.** v. 275, p. 112-18, 2020. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165032720323879>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ESPOSITO, S. *et al.* Development of Psychological Problems Among Adolescents During School Closures Because of the COVID-19 Lockdown Phase in Italy: A Cross-Sectional Survey. **Frontiers in Pediatrics**, v. 8, n. 628072, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fped.2020.628072/full>. Acesso em: 09 out. 2021.

FODRA, S. **Convivência em escolas públicas estaduais de São Paulo**: Um estudo de caso sobre o Programa CONVIVA – SP. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021 (em andamento).

GHOSH, R. *et al.* Impact of COVID -19 on children: Special focus on the psychosocial aspect. **Minerva Pediatr.**, v. 72, n. 3, p. 226-235, 2020. Disponível em: <https://europepmc.org/article/med/32613821>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. **Pak J Med Sci**, v. 36, n. COVID19-S4, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7306970/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

CERQUEIRA, D. (coord.). **Atlas da violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

JIANG, W. *et al.* Problematic mobile phone use and life satisfaction among University Students During the COVID-19 Pandemic in Shanghai, China. **Front. Public Health**, v. 9, n. 805529, p. 1-7, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8826078/pdf/fpubh-09-805529.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

KOENKER, R. **Quantile regression**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAHR, T. B. S.; TOGNETTA, L. R. P. Proteção e bem-estar na escola: Um emaranhado de nós para desatar em contextos pós-pandêmicos. **Tópicos Educacionais**, v. 27, n. 1, p. 62-78, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/250506>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SAFERNET. **Meninas em rede**: guia para fortalecimento de redes de proteção e apoio contra a violência online. Salvador, BA: Juliana Andrade Cunha, 2020. Disponível em: <https://www.safernet.org.br/guiameninaemrede.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2021.

SANTANA, C. C. G.; GONÇALVES L. R. Educação, patologização e medicalização: É possível quebrar essa corrente? **Educação em Foco**, v. 24, n. 3, p. 827-848, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/29162>. Acesso em: 03 jun. 2021.

SOUZA, M. P. R. Prontuários revelando bastidores: do atendimento psicológico à queixa escolar. In: SOUZA, B. P. (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Sobre violência e convivência ética nas escolas. **Carta Capital**, 27 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/sobre-violencia-e-convivencia-etica-nas-escolas/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

TOGNETTA, L. R. P. et al. A percepção de estudantes sobre a convivência na escola: um estudo sobre contribuições dos Sistemas de Apoio entre Iguais (SAIS) em instituições escolares brasileiras e espanholas. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1498–1523, 2020.

WANG, C. et al. Association between psychological distress and elevated use of electronic devices among U.S. adolescents: Results from the youth risk behavior surveillance 2009-2017. **Addict Behav.**, v. 90, p. 112–8, mar. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0306460318309869>. Acesso em: 07 out. 2021.

Como referenciar este artigo

TOGNETTA, L. R. P.; CUADRA-MARTÍNEZ, D.; FIORANELLI NETO, M.; ALVES, R. O sofrimento emocional em adolescentes em tempos de pandemia do Covid-19. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. esp. 3, e022095, jul. 2022. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26iesp.3.16955>

Submetido em: 12/01/2022

Revisões requeridas: 08/03/2022

Aprovado em: 15/04/2022

Publicado em: 01/07/2022